

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Zumbi – herói étnico, Tiradentes – herói nacional:

O jogo das representações didáticas nos manuais escolares de História do Brasil

Renilson Rosa Ribeiro*

Resumo: Este artigo analisa a trajetória das narrativas sobre Zumbi e do Quilombo dos Palmares, produzidas por livros didáticos de História do Brasil, fazendo um exercício de comparação com as narrativas fabricadas sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira. A estratégia é perceber como os discursos didáticos forjados ao longo do século XIX e XX, por intermédio do uso do conceito de raça, nação e Estado, constituíram as imagens de Zumbi como uma personagem (herói) étnica/racial e as imagens de Tiradentes como uma personagem (herói) nacional.

Palavras-chave: História – Ensino – Identidade.

Abstract: This article analyses the journey of the narratives about Zumbi and Quilombo de Palmares [Palmares Maroon], produced by Brazil History textbooks, doing a comparative exercise with the narratives built about Tiradentes and Inconfidência Mineira. The strategy is to perceive how the didactic discourse forged during the 19th and 20th centuries, through the use of the concepts of race, nation and State, constituted the images of Zumbi as an ethnical/racial personage (hero) and the images of Tiradentes as a national personage (hero).

Key-words: History – Teaching – Identity.

O livro didático e o jogo das representações¹

No primeiro parágrafo do livro *As falsificações da História*, Marc Ferro afirma que “a imagem que nós temos dos outros povos ou de nós mesmos é associada à história que nos foi contada quando éramos crianças”. Ele, nesta citação sempre referenciada nos trabalhos sobre ensino de História, argumenta que mesmo que a essas imagens outras venham se misturar ao

* Professor Assistente Mestre do Departamento de História – UNEMAT/Campus Cáceres; Doutorando em História Cultural – IFCH/UNICAMP. Correio eletrônico: rrenilson@yahoo.com

¹ Esta pesquisa faz parte de minha pesquisa de Mestrado em História, orientada pelo professor Dr. Paulo Celso Miceli, na Universidade Estadual de Campinas sobre os discursos da raça nos livros didáticos de História do Brasil (cf. RIBEIRO, 2004).

longo do tempo, são as primeiras que permanecem constituindo-se em traços marcantes de nossas primeiras curiosidades, desejos e emoções.

Na construção dessas primeiras imagens sobre os mais diversos temas históricos é impossível ignorar o papel desempenhado pela tríade escola, livro didático e professor. Embora saibamos, por exemplo, que a mídia, por meio de filmes, novelas, séries e documentários, influencie nas interpretações das pessoas sobre os conteúdos históricos, a História ensinada nos tempos escolares continua a assumir importante papel na formação da noção de história presente nas vivências da maioria das pessoas. E o livro didático tem sido a grande referência para as narrativas históricas que povoam o universo cultural dos indivíduos.

Fonte de investimento e, ao mesmo tempo, de preocupação, este *objeto do cotidiano escolar* tem suscitado debates dentro e fora das instituições (ministérios, secretarias, escolas, editoras, universidades) sobre a sua relevância na constituição de identidades – um *locus* privilegiado de *jogo de identidades*.

O livro didático, por esta razão, justifica-se como fonte rica de pesquisa por se constituir espaço privilegiado de disputas políticas de constituição de identidades. Nele, existem diferentes personagens e modelos de interpretações em jogo. Assim como o currículo, numa afirmação de Tomaz Tadeu da SILVA (2001), o livro didático é *lugar, espaço, território*. Objeto de relações de poder por ser *trajetória, viagem, expedição, percurso* na formação de gerações de *leitores-alunos*. Ele é autobiografia, nossa vida, nosso *curriculum vitae*: neste espaço se fabrica nossa identidade. O livro didático é texto, discurso, documento. É um documento de identidade, uma *colônia identitária*; objeto de desejo de vários grupos, projetos e políticas (cf. HALL, 2002).

Com base nestas observações, analisaremos aqui a trajetória das narrativas sobre Zumbi e do Quilombo dos Palmares, produzidas pelos livros didáticos de História do Brasil, fazendo um exercício de comparação com as narrativas fabricadas sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira. A estratégia é perceber como os discursos didáticos forjados ao longo dos séculos XIX e XX, por intermédio do uso do conceito de raça, nação e Estado, constituíram as imagens de Zumbi como uma personagem (herói) étnica/racial e as de Tiradentes como uma personagem (herói) nacional.

Zumbi, Tiradentes: herói étnico, herói nacional

O universo de fontes e as possibilidades de pesquisa são diversas para tratar o assunto. Por esta razão, realizamos um recorte que permitisse uma análise do tema das representações de Zumbi e Tiradentes. Na eleição das fontes, escolhemos alguns livros didáticos de História representativos de quatro períodos que consideramos relevantes na história do ensino da disciplina no Brasil. 1) *História Coroada* – aqueles produzidos no Brasil império, no contexto do segundo reinado, influenciado pela escrita de uma história presa aos pressupostos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e, conseqüentemente, vinculado ao projeto monárquico, justificado pelo elogio à colonização. 2) *História Épica* – os produzidos no período republicano, do final do século XIX a 1930, marcados por uma visão épica da história, tendendo à depreciação do passado colonial no Brasil. 3) *História Nacional Desenvolvimentista* – os livros fabricados por uma vertente nacionalista ou dela tributários, de 1930 até aproximadamente de 1980. 4) *História Engajada* – e os manuais escolares concebidos no contexto de propostas curriculares pautadas pela crítica à chamada “História Oficial” elitizada e nacionalista, publicados entre 1980 e 2000. Devemos ressaltar que não consideramos essas fases homogêneas e em absoluto distintas e separadas umas das outras. Entretanto, elas expressam tendências perceptíveis na trajetória do ensino de História no Brasil².

a) História Coroada (1840-1889)

Durante o período imperial, observou-se na história oficial produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro uma certa depreciação do episódio palmarino. As revoltas coloniais eram interpretadas como atentados à unidade da futura nação. Neste caso, deu-se destaque para atuação, por exemplo, dos bandeirantes na destruição do Quilombo de Palmares, garantindo a integridade da Colônia.

Assim como no caso de Zumbi e do Quilombo de Palmares, houve um certo silenciamento sobre o movimento dos inconfidentes. Procurou-se destacar Tiradentes e a Inconfidência Mineira como uma conjuração ou conspiração contra a ordem estabelecida pela Coroa Portuguesa. Destacar a história desta revolta de outra maneira seria incorrer no perigo das ameaças republicanas no Império.

² Essa periodização segue a apresentada por Thais Nívia de Lima e Fonseca, no artigo “*Ver para compreender: arte, livro didático e história da nação*”, publicado no livro *Inaugurando a História e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de História* (cf. SIMAN & FONSECA, 2001).

Joaquim Manuel de Macedo, professor do tradicional Colégio Pedro II, no seu *Lições de História do Brasil*, ao retratar Zumbi e Palmares, privilegiou os instantes finais dos quilombos que apareceram ao longo das guerras holandesas, na região da Serra da Barriga, em Alagoas. Não teve a preocupação em descrever e comentar os quilombos por dentro como faria Rocha Pombo, décadas mais tarde, em sua *História do Brasil (Curso superior)*. Ao narrar as operações de ataque, Macedo, sem fugir das orientações do mestre Francisco Adolfo Varnhagen, ressaltava o valor dos paulistas – os bandeirantes – e a valentia dos atacados e, após muita luta, a vitória da ordem. Quanto aos líderes do quilombo, entre eles Zumbi, o autor anotou que eles preferiram a morte à escravidão, atirando-se do alto de um penhasco. Palmares, assim como a Inconfidência Mineira, representava uma linha de ruptura e de contestação do passado colonial português, do qual o império brasileiro era descendente e tributário. Destacar as lutas da Serra da Barriga e de Vila Rica de forma negativa ou silenciar-se era uma estratégia para se preservar o discurso de *elogio à colonização*. Zumbi e Tiradentes foram apresentados como exemplos de lideranças problemáticas, embora corajosas, que cometeram o *crime de lesa-majestade* e a macularam o discurso da unidade do território – *bandidos coloniais*.

b) História Épica (1889-1930)

Ao longo da Primeira República foi que começou a se delinear Palmares como símbolo da liberdade, e posteriormente o emprego de Palmares como o maior feito da raça africana no Brasil. Zumbi foi retratado como liderança negra, entretanto, representante de um movimento inexperiente de liberdade. Houve uma forte leitura abolicionista da história (didática) de Palmares e de Zumbi.

Os republicanos, após 1889, operaram uma inversão significativa na abordagem dada à Inconfidência Mineira, elevada agora à condição de movimento símbolo da luta republicana. A figura de Tiradentes foi entronizado como seu herói e mártir, numa construção de fundamentação religiosa bastante evidente. Houve aqui a presença de um forte discurso épico, nacionalista e moralizante sobre o seu passado.

Embora próximos nas suas lutas e nos seus destinos trágicos, Zumbi e Tiradentes tiveram destinos diferentes na constituição da memória histórica deste período. Uma memória dolorosa e perigosa para o Império, descendente direto do passado colonial português, sob a constelação da era republicana, Tiradentes encontraria seu lugar no panteão dos heróis nacionais

como símbolo do novo regime. Figura cultuada e amplamente representada no imaginário nacional, recebeu destaque nos livros didáticos, visto como o mártir da Inconfidência Mineira, defensor do projeto republicano³. Sua imagem heróica chegou a se aproximar da história de Jesus Cristo seja em relatos, seja na iconografia.

Rocha Pombo, por exemplo, em *História do Brasil (Curso superior)*, nos anos 1920, ao abordar o tema da Inconfidência Mineira, num relato dramático, ampliou progressivamente o espaço dedicado a Tiradentes, cuja atuação foi narrada no sentido de torná-lo o líder da conspiração e o herói sacrificado pela pátria, o que não era feito com a figura de Zumbi, rapidamente comentado na parte sobre os quilombos de Palmares. Mesmo valorizando a luta dos palmarinos, para o autor, o episódio de Palmares era o lamentável exemplo da fissura que poderia separar ao invés de unir – *uma guerra das raças*. No entanto, na sua leitura, era necessário relatar eventos como este para fazer justiça à História. Trazer a tragédia de Palmares para o palco da História era o caminho para o professor do Colégio Pedro II mostrar aos seus leitores-alunos os males que a colonização portuguesa provocou com a instituição da escravidão e a ausência de um contrato social entre as partes em nome da pátria – a construção de um sentimento nacional. A violência dos quilombolas, na visão de um homem de passado de lutas abolicionistas, surgia em decorrência do mal maior que era a escravidão. Por isso o projeto de Tiradentes, para Rocha Pombo, era mais completo, uma vez que propunha a construção de um projeto nacional – *uma república*.

c) História Nacional Desenvolvimentista (1930-1980)

Este período foi de consolidação do discurso da “democracia racial” pelo Estado, o que influenciou a produção didática. Houve um certo silenciamento sobre as revoltas populares como a de Zumbi dos Palmares. A idéia era defender o Brasil como a mistura harmônica das três raças. A ausência das revoltas populares do passado era uma forma de silenciar as do presente. A história de Palmares era narrada de forma secundária no discurso didático.

³ De acordo, com Thais Fonseca e Lima, os republicanos, após 1889, operaram uma inversão significativa na abordagem dada à Inconfidência Mineira, elevada agora à condição de movimento símbolo da luta republicana. A figura de Tiradentes foi entronizado como seu herói e mártir, numa construção de fundamentação religiosa bastante evidente. Os livros didáticos, até pelo menos, meados do século XX, manteriam essas construções, parte importante das concepções educacionais da época, de formação cívica e moral das crianças e jovens brasileiros. Civismo e moral – não obstante a progressiva laicização dos conteúdos de ensino – estabeleciam o laço entre política e religião, visível também no discurso político, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1940 (cf. FONSECA, 2001).

Foi a época de consolidação da figura de Tiradentes no panteão dos heróis nacionais como símbolo do regime republicano. Figura cultuada e amplamente representada no imaginário nacional, recebeu destaque nos livros didáticos, visto como o mártir da Inconfidência Mineira, defensor do projeto republicano e nacional-desenvolvimentista, retardados pela obra colonial. Sua imagem oscilava entre Jesus Cristo e um militar nos relatos e na iconografia.

Escrevendo nos anos 1940 sua *História do Brasil para a primeira série ginásial*, livro didático amplamente adotado durante o período militar pós-1964, o professor Joaquim Silva, ao relatar a luta contra a Coroa portuguesa, apontou a Inconfidência Mineira como seu ápice, bem de acordo com a tradição republicana. Todo o seu discurso caminhou para a exaltação do martírio de Tiradentes, sacrificado pela violência e pela crueldade da (in)justiça portuguesa. Sua narrativa sobre o suplício de Tiradentes estava repleta de sensibilidade.

Ao tratar da história da escravidão e de Zumbi e Palmares, amparado no discurso da “democracia racial”, Joaquim Silva afirmou que não era a escravidão que provocava a rebeldia dos negros como defendia Rocha Pombo, e sim os excessos cometidos pelos feitores a mando dos senhores. Neste sentido, o autor optou por passar bem superficialmente sobre a história dos quilombos no Brasil, em especial Palmares⁴. Os conflitos entre senhores e escravos apareciam de forma secundária no seu texto didático, preferindo pensar uma imagem menos nociva e pesada da instituição da escravidão.

d) História Engajada (1980-2000)

Inspirados nas lutas da militância e nas proposições de autores de tradição marxista, este período privilegiou Zumbi como o rei palmarino, que imprimiu uma resistência quilombola contínua contra o poder colonial. Priorizou a história de Palmares mediante os aspectos político e revolucionário, ou seja, privilegiaram a descrição das estruturas políticas e militares do Quilombo. Zumbi constitui-se muito mais como um herói (da raça) negro do que nacional. Era

⁴ Na sua *História do Brasil para o curso médio (primeira e segunda série)*, Joaquim Silva dedicou no capítulo sobre a formação do povo brasileiro uma longa nota sobre o episódio dos quilombos de Palmares. De maneira semelhante ao que fez Rocha Pombo, ele descrevia a localização geográfica dos quilombos, sua organização social política, seus meios de sobrevivência, as lutas de conquista por parte das autoridades locais, as expedições do bandeirante paulista Domingos Jorge Velho e destruição final com o assassinato do líder Zumbi. O autor, sem o romantismo e a empatia de Rocha Pombo, definiu da seguinte maneira a organização do referido quilombo: “A organização dos Palmares era equivalente à dos Estados selvagens dos sertões africanos; lá se tornavam livres os negros que fugiam dos senhores, mas eram escravos que se traziam à força das roças; castigavam-se com morte os que, abandonando Palmares para voltar a seus antigos donos, fossem de novo apanhados” [p. 72].

um símbolo de uma história (didática) engajada e militante. Mas, não foi pensado como herói de um sentimento nacional.

Destacou-se pela presença de um forte discurso de exaltação do martírio de Tiradentes, sacrificado pela violência e pela crueldade da justiça portuguesa (autoritarismo). Houve a construção de um herói popular nacional – o pobre alferes, portador dos sentimentos nacionais de justiça, liberdade, democracia. Era o símbolo da nova República das “camisas amarelas”. Tiradentes era restaurado como o herói das *Diretas Já*, símbolo de uma liderança das esperanças do povo.

O livro didático *História & Vida*, dos irmãos Nelson e Claudino Piletti, a exemplo do de Rocha Pombo, lamentaram a violência praticada em Palmares: o primeiro, porque acreditava que o crime de Palmares era originário do crime maior da escravidão e, o segundo, porque este era um exemplo de espaço de liberdade e respeito dentro da colônia corrompida. Ao contrário dos outros autores, mesmo Rocha Pombo, os Piletti ressaltaram com maiores detalhes a figura de Zumbi, o líder dos quilombos, reforçando sua imagem heróica, por meio de sua bravura e da forma como este morreu lutando por seus ideais. A narrativa da morte de Zumbi aproximou-se muito, em alguns aspectos, da feita em relação a outro herói que se revoltou contra as autoridades coloniais – Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes da Inconfidência Mineira.

A partir da construção do fim destes dois heróis feitas pelos Piletti, podemos traçar algumas comparações para fins analíticos:

Primeiro: os dois pertenceram a movimentos que, de alguma maneira, defendiam idéias de liberdade e se opunham à ordem estabelecida (autoridades coloniais), tendo o primeiro lutado pela liberdade de uma raça, os negros, da escravidão e da violência do castigo, o segundo contra a opressão do governo português, inspirados pela Revolução Francesa (*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*) e a cobrança excessiva de impostos (a *derrama*).

Segundo: o primeiro pertenceu a um espaço de resistência (os quilombos) que travava uma luta armada longa e incansável contra os coloniais durante quase 50 anos; o segundo participou de um grupo de revolucionários que pretendiam proclamar a república, pondo fim ao poder da Coroa sobre a colônia, no entanto o projeto não foi consumado.

Terceiro: ambos tiveram um papel, de acordo com os autores, de relevância dentro dos movimentos dos quais faziam parte. Zumbi era o líder dos quilombos de Palmares (de escravos) e Tiradentes era um dos participantes mais destacados dos inconfidentes, por estar sempre viajando pela região na busca de adesões para a revolução. Um comandava um grupo (negros escravos fugidos) contra os coloniais no ataque direto, o outro buscava congregar apoios (na elite colonial) a favor da revolução que iria acontecer.

Quarto: tanto Zumbi quanto Tiradentes foram vítimas de um ato de traição. O primeiro foi entregue por um amigo que nas mãos dos coloniais, sob tortura, entregou o esconderijo do seu líder; o segundo foi traído também por alguém de dentro do grupo dos revolucionários, mas este traiu por interesses próprios (dívidas).

Quinto: os dois foram capturados e tomados como exemplo para colocar fim ao movimento de que faziam parte. Segundo os Piletti, Zumbi e Tiradentes foram assassinados de forma cruel e utilizados como exemplo do poder da autoridade da Coroa, pois tiveram seus corpos esquartejados e expostos em locais públicos.

Sexto: os dois tornaram-se símbolos para a posteridade pelos ideais que representavam, seja pela luta direta no campo de batalha, seja pelos projetos idealizados. Zumbi, um herói racial, Tiradentes, um herói nacional. Zumbi lutando contra a escravidão de seu povo, Tiradentes defendendo a liberdade da colônia e proclamação de uma república.

Na leitura dos Piletti, Zumbi e Palmares representavam exemplos de luta contra as injustiças presentes no passado colonial nacional que precisavam ser exaltados. Narrar sua história seria denunciar o mito da “democracia racial” e a idéia da escravidão amena e benigna, tão ressaltada por autores como Joaquim Silva. Tiradentes e a Inconfidência Mineira continuariam, para eles, a ser um exemplo de luta contra a colonização portuguesa e as suas atrocidades – *a semente do projeto de nação republicano*.

* * *

Diante da exaltação da figura de Tiradentes, eleito o representante do sentimento nacional no passado colonial brasileiro, restou o silêncio ou um papel secundário ao líder dos

quilombos de Palmares por parte da memória oficial nacional do século XX presente nos livros didáticos de História do Brasil. Zumbi estaria ligado ao heroísmo de uma raça (os negros) e de um modelo de rebeldia que incomodava a ordem estabelecida. Zumbi seria a lembrança de um passado de conflito racial, uma mácula para o discurso da “democracia racial”. Zumbi e Palmares não seriam um exemplo para o contrato social, como defendia Rocha Pombo, necessário à construção da nação brasileira. Eles separavam, não uniam. Tiradentes e a Inconfidência Mineira uniam, não separavam. Era o interesse nacional (da República) acima de todas as diferenças. Era a libertação da colônia do jugo da Coroa portuguesa (um projeto nacional).

Fontes:

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Lições de História do Brasil para uso das escolas de instrução primaria**. 10 ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907.

PILLETI, Nelson & PILLETI, Claudino. **História & Vida** – Brasil: Da Pré-História à Independência. 5ª série. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

POMBO, José Francisco Rocha. **História do Brasil** (Curso superior). 6 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1952.

SILVA, Joaquim. **História do Brasil para a primeira série ginasial**. 8 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, C. M. M. de. **Anti-racismo e seus paradoxos**: Reflexões sobre Cota Racial, Raça e Racismo. São Paulo: AnnaBlume, 2004.

FERRO, M. **Falsificações da História**. Lisboa: Europa-América, s/d.

FONSECA, T. N. L. e. **Da infâmia ao altar da pátria**: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes. São Paulo: FFLCH/USP, Tese de Doutorado em História, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MATTOS, I. R. de (org.). **Histórias do ensino da História no Brasil**. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

SCHWARCZ, L. K. M. & REIS, L. V. de S. (orgs.). **Negras Imagens**: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, R. R. **Colônia(s) de Identidades**: Discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil. São Paulo: IFCH/UNICAMP, Dissertação de Mestrado em História, 2004.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIMAN, L. M. de C. & FONSECA, T. N. de L. e (orgs.). **Inaugurando a História e construindo a nação**: discursos e imagens no ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.